

# Mercado mais calmo. Ponto para o governo.

GIOVANNA PICILLO

Depois de um dia de grande turbulência, na terça-feira, o mercado financeiro operou mais tranquilo ontem, com queda nas cotações do ouro, dólar e Bolsa de Valores. O dólar caiu 4,26% no paralelo e fechou a Cr\$ 900 para venda e Cr\$ 860 para compra. O ouro, com queda de 3,43%, fechou a Cr\$ 9.850 o grama e a Bolsa de Valores de São Paulo recuou 0,9%, enquanto as taxas de juros dos Certificados de Depósitos Bancários (CDBs), para 30 dias, fecharam em 3.300% ao ano.

O recuo nas cotações dos ativos de risco, segundo analistas, representou uma vitória do governo contra a especulação, a aposta na maxidesvalorização do cruzeiro e a hiperinflação. A ameaça de crise cambial ainda não foi descartada, mas a decisão do Banco Central de elevar, ontem, a cotação do dólar comercial estimulou o fechamento de um volume maior de contratos de exportação.

"Parece que o governo ganhou o primeiro *round* dessa queda de braço. Ele esperava, com a alta dos juros, levar os aplicadores ao mercado financeiro. No primeiro momento isso não ocorreu, mas, passada a tempestade, a alta dos ativos de risco foi neutralizada pela alta dos juros", diz Álvaro Souza Barros, da Corretora Souza Barros.

Ontem, os investidores continuavam demandando CDBs. E, se havia alguma restrição para novas captações, era feita por aqueles bancos que estão com seus limites de captação nessa modalidade esgotados, disse Walter Kuroda, diretor financeiro do Banco Nacional. "Os investidores ainda não estão trocando cruzeiros por ouro ou dólar", lembrou ele, ao ressaltar que um sinal disso é que os negócios com ouro refletiam muito mais movimentos especulativos para realização de lucros diários do que a preocupação de investidores de reterem o metal como garantia contra uma possível hiperinflação.

## Mercado calmo

Os três leilões de câmbio comercial realizados pelo Banco Central e o pequeno ajuste no dólar comercial de Cr\$ 5,50, passando para Cr\$ 640, além das indicações de que a especulação no paralelo arrefeceu, também acalmaram o mercado. Os operadores já detectavam um aumento no movimento dos contratos de câmbio de exportação, embora o saldo entre as exportações e importações continue negativo. A compra de moeda pelos exportadores, relata a repórter Suely Caldas, so-

mou US\$ 114,9 milhões na terça-feira, acima dos US\$ 89,9 milhões do dia anterior. Mas o saldo líquido de ingresso e remessa de divisas contabilizava um déficit de US\$ 32,1 milhões na terça-feira, com um resultado negativo nos últimos 14 dias de US\$ 492,7 milhões, o que compromete as reservas do País.

Segundo fontes do mercado financeiro, as reservas cambiais teriam chegado perto do nível preocupante de US\$ 7 bilhões a US\$ 7,5 bilhões, inclusive porque o governo gastou muita munição com a venda de ouro das reservas para segurar o ágio entre o dólar paralelo e o comercial. Depois de se retirar do mercado do ouro, o BC quer agora estimular os exportadores a fecharem contratos, para elevar as reservas, através de juros altos e minidesvalorizações. Até ontem havia indicações de que essa política pode levar os exportadores a desovarem os dólares, apesar do volume de negócios ainda não ter sido contabilizado.

## Ajuste gradual

O ajuste gradual do câmbio é defendido pelas *tradings*. Roberto Gianetti da Fonseca, da Silex Trading, acredita em um efeito positivo nas exportações caso o governo corrija o câmbio em 20% ao longo de três meses, de forma sigilosa e programada. Ele nega que haja retenção dos contratos em função de uma expectativa de mididesvalorização e justifica a queda nas exportações em função da redução nos preços internacionais e perda de competitividade, aumento dos custos relativos dos produtos no Brasil e falta de financiamento.

Há muita expectativa sobre o comportamento dos exportadores, pois o desenlace da crise cambial pode ter um forte impacto no comportamento da inflação. Caso o governo seja obrigado a promover uma mídi ou máxi, os efeitos sobre os índices serão grandes, aumentando o risco de hiperinflação. Por enquanto, o risco parece afastado pela própria recessão. "Sem dinheiro no mercado não há hiperinflação", lembra o diretor financeiro do Banco Francês & Brasileiro, David Gotlib.

Para Walter Kuroda, do Nacional, embora a credibilidade do governo esteja abalada, não há desinteresse pela moeda nacional e a economia tampouco chegou ao nível de desorganização que costuma preceder a hiperinflação. O entendimento entre empresários e governo, neste momento, é importante também para conter o risco de uma hiper. Resta saber, diz ele, se o governo vai vencer o segundo *round* da batalha, que é a desova dos estoques pelas empresas.

